



O santuário de Nossa Senhora do Fojo na serra de Montemuro

Marian sanctuary dedicated to Our Lady of Refuge or Fojo in Montemuro mountain

Maria Olinda Rodrigues Santana *

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento (CETRAD), Portugal
email: osantana@utad.pt

Francisco Xavier Coelho *

Escola Secundária Sr.ª da Hora, Portugal
email: batxico@gmail.com

Resumo - Partindo da etimologia do nome do lugar e da narrativa popular duma lenda da tradição oral, tentamos perscrutar as origens do santuário mariano dedicado a Nossa Senhora do Refúgio ou Fojo, na freguesia de Gosende, no concelho de Castro Daire. Trata-se dum santuário mariano com alguma imponência erigido no século XVIII, numa encruzilhada de caminhos de três lugares da serra de Montemuro: Gosende, Codeçal e Campo Benfeito. A união do sagrado e do profano concretiza-se, no primeiro domingo de setembro, na festa religiosa e feira anual de feição rural realizada na época das colheitas.

Palavras chave: santuário / Fojo / sagrado / profano / turismo

Summary - Starting from the etymology of the name of the place and from the popular narrative of a legend of oral tradition, we try to know about the origins of the Marian sanctuary dedicated to “Nossa Senhora do Refúgio” or “Fojo”, in the parish of Gosende, in Castro Daire municipality. This is an eighteenth century magnificent Marian sanctuary built in a crossroad of paths from three places of the Montemuro mountain: Gosende, Codeçal and Campo Benfeito. The union of the sacred and the profane materializes, on the first Sunday of September, in a religious festivity and in the annual fair, mainly rural, performed at harvest time.

Keywords: sanctuary / Fojo / sacred / profane / tourism

INTRODUÇÃO

Há um desconhecimento sobre a história do santuário de N.ª Sr.ª do Fojo, na freguesia de Gosende, no concelho de Castro Daire. Essa omissão deve-se, por certo, à carência de fontes primárias sobre as origens da capela mariana. Na nossa pesquisa, encontramos tão-só um documento histórico que refere vagamente a existência do santuário: as *Memórias Paroquiais do Distrito de Viseu*, exaradas em 1758. O pároco da freguesia de Gosende relator das *Memórias* faz uma pequena alusão à ligação do sagrado e do profano, desde a origem do santuário.

Essa união concretiza-se ainda hoje na festa religiosa (novena, missa campal) e na feira anual de feição rural efetuada na época das colheitas (1.º domingo de setembro). Com o passar dos tempos ao religioso foram-se acrescentando os folguedos profanos apreciados pelos serranos do Montemuro: as chegadas de bois e os cantares ao desafio.

* PT: “Este trabalho é financiado por: Fundos Europeus Estruturais e de Investimento, na sua componente FEDER, através do Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (COMPETE 2020) [Projeto nº 006971 (UID/SOC/04011)]; e por Fundos Nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projeto UID/SOC/04011/2013”.

EN: “This work is supported by the European Regional Development Fund (ERDF) through the Competitiveness Operational Programme (COMPETE) [Projeto 006971 (UID/SOC/04011)] and by national funds provided by FCT - the Portuguese Foundation for Science and Technology, through its project UID/SOC/04011/2013”.



Fig 1 - Capela do Fojo. Gosende, Castro Daire, Portugal. Maio de 2016. Fonte: própria.



Fig. 2 - Capela do Fojo na encruzilhada de vários caminhos. Gosende, Castro Daire, Portugal. Maio de 2016. Fonte: própria

A crença no misticismo do lugar mantém-se viva nas populações envelhecidas e minguadas dos lugares serranos (Roção, Campo Benfeito, Cotelo, Gosende, Gosendinho e Peixeninho), uma vez que estas continuam a fazer as suas promessas à N.^a Sr.^a do Fojo e as novenas: a reza do terço à volta da capela, em nove voltas, durante nove dias. A feira anual, por seu turno, consegue atrair a vizinhança local das redondezas, mas não chama turistas doutros pontos da região e do país. Por que motivo?

Há uma desatenção, por parte dos agentes locais, na divulgação e promoção turístico-cultural do santuário de N.^a Sr.^a do Fojo, da sua festa religiosa e feira anual. As entidades autárquicas (junta de freguesia e município), bem como os operadores turísticos locais não têm sabido potenciar a vertente histórico-cultural, nem a localização geográfica, natural e ambiental do templo barroco numa área protegida de ecossistemas de montanha (SIC - Montemuro) junto a uma aldeia turística (Codeçal) e a uma Aldeia de Portugal (Campo Benfeito) com condições para rececionar turistas culturais.

1. ETIMOLOGIA DO NOME DO SANTUÁRIO

O nome “Fojo” deriva do nome comum masculino “fojo” (<lat. **fodiu-*) forma possível do latim falado ou popular, significa, como nos esclarece A. De Almeida Fernandes, “cova ou escavação”, ou seja, cova que poderia “servir de abrigo a animais como lobos” (Fernandes 2003: 23). José Pedro Machado explica um pouco melhor a etimologia da palavra e compara-a com as formas italiana e castelhana: “Do lat. **fodiu-*, por *fodia*, do lat. *fodere*, ‘cavar’, donde também o it. *foggia*, esp. *hoya*, *hoyo*” (Machado 1990 V. 3: 69). Houaiss confirma a origem controversa da palavra apresentada por Antônio Geraldo da Cunha (1989: 363) e fornece uma outra etimologia latina: *fovea*, *ae* com o sentido de “escavação, buraco, cova” (Houaiss 2003 tomo III: 1769). A etimologia da palavra “fojo” parece apontar para a existência dum abrigo no local onde no século XVIII foi construída a capela em devoção ao culto mariano. Além disso, existem terrenos baldios à volta da capela, nos quais, na atualidade, ainda se apascentam os parques rebanhos serranos. Alguns desses terrenos à volta dos baldios chamam-se “vessadas do Fojo”. Trata-se, por conseguinte, duma extensão geográfica relativamente extensa a que leva o nome de “Fojo”.

A capela também é designada pelas gentes montemuranas de “Capela de N.^a Sr.^a do Refúgio”. A palavra “refúgio” também significa “abrigo” (Ferreira 1980: 1449), tendo entrado tardiamente na língua portuguesa (1572) (Cunha 1989: 370).

2. A LENDA DA NOSSA SENHORA DO FOJO

Em virtude da nossa família materna ser oriunda da aldeia de Campo Benfeito, desde sempre ouvimos uma narrativa fabulada sobre a construção da capela. Por que razão foi erigida, naquele cruzamento de caminhos, conhecido como um refúgio de lobos, uma capela mariana dalguma imponência?

Questionamos duas pessoas de Campo Benfeito de gerações diferentes sobre a origem da capela.

A informante Maria Violante Duarte Rodrigues, natural de Campo Benfeito, com 78 anos, relatou que: “um homem abastado que vinha a cavalo pela serra de Montemuro numa noite de inverno foi atacado por dois lobos naquele lugar. Perante a aflição, pediu a N.^a Sr.^a que o ajudasse a escapar dos lobos. Em agradecimento da sua salvação, mandou construir um santuário mariano à Nossa Senhora do Fojo ou Refúgio”. A informante mais jovem, Otilia Duarte, de 57 anos, acrescentou que “era um senhor abastado dos lados de Coimbra”. Cada informante acrescentou “um ponto” ao conto, como se costuma dizer na tradição oral.

3. A CONSTRUÇÃO DA CAPELA DO FOJO

A etimologia da palavra e a lenda sobre a origem do santuário permitem levantar a hipótese de, num período anterior à construção da atual capela barroca, ter existido uma gruta, uma



Fig. 3 - rebanho no baldio do Fojo, Gosende, Castro Daire, Portugal. Maio de 2016. Fonte: própria

cova, um refúgio que serviria de abrigo aos pastores da serra de Montemuro, nos tempos da transumância. Ainda hoje os pastores dos lugares próximos do santuário fazem-se acompanhar de cães de vigia para protegerem os seus rebanhos dos lobos e raposas existentes na Serra de Montemuro.

A lenda da construção da capela é certamente uma efabulação popular. A única fonte primária encontrada, que refere a capela do Fojo, é a obra setecentista: *Memórias Paroquiais do Distrito de Viseu* (Capela, Matos 2010), exaradas em 1758. No inquérito preenchido pelo pároco da freguesia de Gosende, “Manoel da [Costa] Cardozo”, o referido redator das *Memórias*, localizou a freguesia no “bispado e comarca

de Lamego”, indicou que a mesma pertencia à coroa. Informou também que a freguesia, em meados do século XVIII, tinha somente “170 fogos” ou famílias, com cerca de “620 pessoas”. Geograficamente situou-a na serra de Montemuro, donde se avistava a serra da Estrela e serra do Marão. A paróquia era composta por 6 lugares: “Roção, Campo Benfeito, Cotelo, Gosende, Gosendinho e Peixeninho”. Mencionou que o orago da paróquia de Gosende era o S. Pedro. O padroado ou apresentação do pároco pertencia à colegiada de S. Martinho de Mouros. A renda do pároco era de 60 alqueires de centeio e 6000 mil reis de constituição.

É ainda aludida a existência da capela de N.^a Sr.^a do Fojo localizada num “monte”, pertencendo ao “povo”. Neste excerto, há uma menção clara à ligação do sagrado e do profano. Referiu a invocação a N.^a Sr.^a milagreira, adorada por muitos romeiros, sobretudo, no verão. O elemento profano consubstanciava-se na feira anual, na época das colheitas, início de setembro, uma feira de víveres, fruta e gado.

Tem huma capella da invocassão de Nossa Senhora do Fojo; está em hum monte pertence ao povo e hé Senhora de evidentes milagres, aonde acode munta gente de romagem, especialmente no Vram. Há ali huma feira annual a 8 de Setembro, consta de comestiveis, uvas e figos, massais, pam, vinho, bois e vacas e porcos e algumas marciarias (Capela, Matos 2010: 198).

As *Memórias Paroquiais* não dão informes sobre os mandantes da construção da capela, nem sobre a coleta de fundos para a mesma construção arquitetónica. Referiu apenas a localização no “monte” e a pertença ao “povo”, supõe-se às comunidades da freguesia de Gosende.

O clérigo referiu-se igualmente aos recursos naturais, florestais da serra, declarando que havia “carqueijas e urgueiras, giestas e piornas”. Esclareceu que a única abundância de “frutos” era “somente centeio”. Acrescentou ainda que a serra era “munto fria quazi sempre lá está a neve”, existindo pasto para “bois e vacas e ovelhas” e caça de “perdizes, lebres, coelhos, lobos e rapozas” (Capela, Matos 2010: 198). As potencialidades silvo-pastoris e cinegéticas da serra de Montemuro são antigas, como esclarecem as *Memórias*.

Uma dúvida persiste: como é que 6 pequenas comunidades serranas com fracos rendimentos económicos, vivendo duma agricultura pobre e da pecuária, conseguiram mandar erigir uma capela barroca com alguma imponência? A inexistência de fontes sobre a construção da capela não nos permite responder a esta questão.

A construção do santuário barroco terminou em 1742, tal como comprova a numeração romana gravada no seu frontispício. A capela é composta por três retábulos: o principal, na capela-mor, os outros dois, na nave, ladeando o arco-cruzeiro pintado. A talha dourada é joanina (Correia, Alves, Vaz 1986: 249). O teto está decorado com caixotões pintados com os santos da ladainha, sendo painéis originais do século XVIII. A talha dourada, com remates e colunas compostas, decoradas com festões, foi restaurada, há alguns anos, por artesãos santeiros de Braga. Os telhados de várias águas foram substituídos recentemente.

A união do sagrado e do profano concretiza-se ainda, na atualidade, na festa religiosa (novena, missa) e feira anual celebrada no primeiro domingo de setembro. À parte religiosa da novena (reza do terço à volta da capela, durante nove dias) e missa no domingo da festa alia-se uma feira anual de feição rural realizada na época das colheitas, à qual com o passar dos tempos se foram acrescentando os folguedos preferidos dos serranos (cantares ao desafio e chegas de bois).

Ainda hoje é hábito ir à feira comprar “uvas e figos”, fruta da época vinda da região vizinha do Douro, esse costume ficou gravado nas *Memórias Paroquiais*.

4. A FALTA DE PROMOÇÃO TURÍSTICA DO SANTUÁRIO

O santuário está situado na freguesia de Gosende, no concelho de Castro Daire e no distrito de Viseu. A única divulgação que a autarquia de Castro Daire faz ao santuário é localizá-lo no mapa dos vários itinerários turísticos do concelho. A capela do Fojo está assinalada no mapa como um ponto turístico da freguesia de Gosende, não existindo qualquer informação sobre a sua construção, a sua feira anual de cariz tradicional, a fonte antiga que a ladeia, a localização do santuário numa área protegida de montanha. Não há qualquer informe sobre uma possível visita ao santuário, por exemplo, nos sítios da autarquia e da freguesia. Na verdade, a capela não pode ser visitada. Está encerrada durante todo o ano, abrindo apenas no fim de semana da festa/feira do Fojo, no início de setembro.

Na página da câmara de Castro Daire, não há qualquer menção à capela barroca, apenas uma alusão à feira anual realizada no 1.º domingo de setembro, nas festas e romarias da freguesia de Gosende. Há um informe sobre a existência dum parque de merendas, contudo esse parque é mais um parque infantil do que um parque de merendas. Recentemente, no recinto próximo da capela, foi mandado construir um altar campal em alvenaria pelo pároco da freguesia para rezar a missa campal no dia da festa do Fojo.

Como é que um santuário do século XVIII com 3 altares de talha dourada, arquitetonicamente contemporâneo da Igreja Matriz de Castro Daire não é promovido turisticamente pela autarquia? Não existe um folheto, um pequeno guia, nenhuma informação útil. O santuário é apenas conhecido pelas gentes da serra de Montemuro. Talvez, por esse motivo, no plano profano, têm sido preservadas as práticas festivas, os gostos rurais e serranos (cantigas ao desafio, chegas de bois, feira anual de feição rural e popular), no plano religioso (as novenas, a missa, as promessas à N.ª Sr.ª do Fojo). Estas tradições populares mostram pouca contaminação das festas urbanas. Essa falta de assimilação urbana é muito apreciada por uma camada de turistas culturais e poderia ter um “aproveitamento” turístico-cultural, se fosse feita uma promoção turística adequada quer pela junta de freguesia de Gosende quer pela câmara municipal de Castro Daire. Bastava as referidas entidades começarem pela elaboração dum pequeno folheto com uma sintética referência histórica, arquitetónica e paisagística ao santuário mariano, ou dum roteiro/guia turístico que incluísse a parte ambiental (observação de fauna e flora), histórica (arquitetura barroca) e cultural (tradições e costumes de montanha). Deveriam ser projetadas visitas guiadas ao santuário barroco do século XVIII e aos habitats conservados de flora e fauna do Sítio de Importância Comunitária (SIC) PTCON0025 - Montemuro. Poderiam ser integrados, nas possíveis visitas, os 8 percursos de biodiversidade da “Estação de Biodiversidade” da “Aldeia de



Portugal” (Campo Benfeito) que dista, apenas, 500m do santuário. A aldeia de Codeçal, situada a poucos metros da capela, é uma aldeia turística, ambas dispõem de alojamento turístico para visitantes.

No Fojo, junto à capela de N.^a Sr.^a do Fojo, foi colocado um mapa com a indicação da Rede Municipal de Percursos Pedestres do concelho de Castro Daire, onde está assinalado o “Trilho dos Carvalhos”, aquele onde está localizado o Fojo e a ampla área envolvente. No citado concelho, existem os trilhos dos Moinhos, das Minas, dos Lameiros, do Paiva, do Varosa, das Levadas, da Pombeira, da Azenha, percursos pedestres registados na Federação de Campismo e de Montanhismo de Portugal, pela autarquia. Com potencialidades naturais e patrimoniais como as descritas, por que motivo as entidades locais não as divulgam?

CONCLUSÃO

Tentamos mostrar que o santuário barroco da N.^a Sr.^a do Fojo, em Gosende, concelho de Castro Daire, é um património histórico, arquitetónico, religioso, cultural inserido num património paisagístico natural, que merece ser conhecido para além da serra de Montemuro.

Com este pequeno trabalho, gostaríamos de chamar a atenção dos agentes locais (públicos e privados) para a necessidade de divulgar e promover para fora do território o santuário de N.^a Sr.^a do Fojo. Este e outros pequenos santuários da região (Santa Bárbara, S. Pelágio, Cruz) são recursos patrimoniais materiais e imateriais (lendas) da Serra do Montemuro integrados numa área protegida de montanha, com biodiversidade de fauna e flora únicas, com percursos pedestres já elaborados. Os recursos existem só falta comunicá-los aos outros, sobretudo, aos que estão fora da serra de Montemuro.

Referências bibliográficas

- CAPELA, José Viriato; MATOS, Henrique (2010). *As freguesias do Distrito de Viseu nas Memórias Paroquiais de 1758. Memórias, História e Património*. Braga. (s.n.). Vol. 6.
- CORREIA, Alberto; ALVES, Alexandre; VAZ, João L. Inês (1986). *Castro Daire*. 1.^a edição. Viseu. Câmara Municipal de Castro Daire.
- CUNHA, Antônio Geraldo da (1989). *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2.^a edição. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira.
- FERNANDES, A. De Almeida (2003). *Toponímia do concelho de S. João da Pesqueira*. Arouca. Associação da Defesa do Património Arouquense; Câmara Municipal de S. João da Pesqueira.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (1980). *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira S.A.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles (2002-3). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Lisboa. Círculo de Leitores.
- MACHADO, José Pedro (1990). *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados*. 6.^a edição. Lisboa. Livros Horizonte. 5 vols.
- VITERBO, Frei Joaquim de Santa Rosa de (1993). *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram*. Porto. Livraria Civilização. 2 vols. Edição crítica por Mário Fiúza.

<http://www.cm-castrodaire.pt/> [Consult. 2016-5-26].

<http://www.jf-gosende.pt/> [Consult. 2016-5-26].

<http://www.icnf.pt/portal/naturaclas/snac> [Consult. 2015-11-15].